

Professores discutem proposta para dívida e campanha salarial

Nesta segunda-feira, 16/2, às 17h30, os professores têm um encontro marcado na sede da APROPUC para discutir a nova proposta da Fundação São Paulo para o pagamento de uma das dívidas salariais que a universidade tem com seus docentes.

A Fundasp, em reunião com a diretoria da APROPUC ao final do ano passado, apresentou proposta de pagamento da dívida referente ao acordo salarial de 2004, na qual prevê a divisão do montante devido em 36 parcelas iguais, corrigidas pelo ICV-Dieese, pagas a partir de março deste ano.

A proposta abarca somente os valores referentes a menor das duas dívidas (que soma cerca de 86,09% de um salário docente de dezembro/2004). A outra dívida, referente ao acordo de 2005, é bem maior e ao final de janeiro estava em torno de 414 % de um sa-

lário docente em vigor em maio/2005.

A dívida de 2005 ainda não tem uma previsão para início de pagamento, embora a Fundasp reconheça a sua existência. Ela cresce com maior rapidez do que a de 2004, uma vez que a cada mês trabalhado os docentes deveriam ver acrescidos em seus salários cerca de 7,66%.

CAMPANHA SALARIAL

Outro ponto de pauta refere-se à campanha salarial de 2009. Segundo acordo firmado entre o Sindicato dos Professores de São Paulo (Sinpro-SP) e as mantenedoras os salários dos docentes deverão ser reajustados por uma cesta de índices composta pelo ICV-Dieese, INPC (IBGE) e IPC (FIPE), acrescido de mais 1,20%. O índice definitivo será divulgado em 20/3 e já reajustará os salários a partir de março.

PROPOSTA DA REITORIA PARA PAGAMENTO DA DÍVIDA DE 2004

36

PARCELAS MENSAIS REAJUSTADAS PELO ICV-DIEESE

A dívida representa 86,09% dos salários docentes em vigor no mês de dezembro/2004

ÍNDICE DE REAJUSTE DOS PROFESSORES

Média dos índices ICV-Dieese, IPC-Fipe e INPC-IBGE, obtidos entre 1/3/2008 e 28/2/2009, mais 1,20%

ASSEMBLÉIA DOS PROFESSORES

✓ Discussão da proposta da Fundação São Paulo sobre o atraso do reajuste salarial de 2004

✓ Campanha salarial 2009

16/02 às 17h30
Segunda - Feira

Sede da APROPUC: Rua Bartira, 407 - Perdizes

Sindicância: Seguranças da Graber forjaram agressão para incriminar estudantes

Um segurança da Graber relatou ao professor José Arbex Jr, do departamento de Jornalismo, que a própria empresa forjou provas contra os estudantes durante a ocupação da Reitoria, em novembro de 2007.

Segundo o relato, que se espalhou rapidamente pela Internet, no dia da ocupação, o chefe da Graber na PUC-SP ordenou que alguns funcionários da empre-

sa rasgassem seus uniformes para demonstrar o uso de violência por parte dos estudantes durante a ocupação. Acompanhados pela chefia da Graber e pelo então vice-reitor Comunitário, João Décio, os seguranças com os uniformes rasgados prestaram queixa na delegacia - o que consta no B.O., do inquérito policial e do processo judicial. Esses seguranças foram obrigados a fazer o mesmo depoimento na sindicância

interna aberta na PUC-SP, quando, inclusive, prestaram depoimentos sem a presença dos estudantes.

A suposta agressão contra os estudantes foi um dos principais argumentos que levaram a Comissão Processante, presidida pelo professor Silas Guerriero, da Teologia, a pedir a expulsão dos alunos sindicados da PUC-SP.

O Consun analisa nesta quarta-feira o recurso impetrado pelo advo-

gado dos estudantes pedindo a anulação da pena de advertência em prontuário para alguns estudantes. O reitor Dirceu de Mello indicou a professora Nena Gerusa Cei, representante do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas como relatora do processo. Os alunos e professores de jornalismo estudam a convocação de um protesto coletivo na quarta-feira, 18/2, durante o Consun.

EDITORIAL

Fórum Social Mundial no quadro da crise mundial

A nona edição do Fórum Social Mundial ocorreu em Belém do Pará de 27/1 a 01/2/2009. Em 2001, no momento das ações "antiglobalização", desencadeadas pela juventude em Seattle que se estenderam por todo o mundo e refletiram a luta anticapitalista, foi criado o FSM que teve sua sede em Porto Alegre e de lá se deslocou quando o PT perdeu as eleições para a prefeitura em 2005. Voltou ao Brasil em 2009, na cidade de Belém, que tem no estado do Pará a governadora do PT. Os organizadores do Fórum, desde sua origem, sempre foram majoritariamente petistas e ONGs, entre elas a ATTAC que tem o propósito de criar uma taxa sobre a movimentação financeira mundial para destiná-la ao combate a pobreza.

Em última análise, a posição hegemônica do FSM, em todas as suas edições, teve como referência a luta contra o neoliberalismo em uma perspectiva reformista, como se fosse possível "humanizar o capitalismo" ao minorar suas desigualdades na retomada de políticas keynesianas. Em 2009, o caráter regressivo do FSM se agudiza, posto que em 2008 eclodiu no epicentro do capitalismo nos EUA a crise estrutural do capital, já considerada a maior crise desde 1929. Somam-se mais de 30 milhões de desempregados desde setembro de 2008.

No Brasil, só no mês de dezembro de 2008, foram demitidos mais de 700 mil trabalhadores. Além das demissões, que continuam ocorrendo, centenas de mi-

lhares de trabalhadores foram submetidos a férias coletivas ou licença-remunerada a caminho das demissões. A estimativa é de 230 milhões de desempregados no planeta. A ilusão de que "outro mundo é possível" pelo reformismo keynesiano que ocorreu num período curto de 30 anos de crescimento econômico e somente nos países centrais do capitalismo, desarma ainda mais os trabalhadores. Esta última edição do FSM, capitaneada pelas ONGs e explicitamente governista, teve nas chamadas atividades "auto-gestionadas" a sua maior organização entre os setores que têm recursos, notadamente as grandes ONGs e representações de programas institucionais governamentais, transformando o FSM em um grande palanque eleitoral. De outro lado, os movimentos sociais, os lutadores classistas, que se apresentam nas lutas como autônomos e independentes se vêm tolhidos e alijados, com muita dificuldade em negociar espaços para suas atividades.

Muitos debates sobre a crise ocorreram, mas desarticulados, atomizados, não raro em salas de aula pequenas, sem espaço para a participação dos interessados. Uma imensidão de participantes, segundo dados oficiais 133 mil de 142 países, a maioria jovem a procura de uma alternativa, estiveram sob a consigna da dispersão, do setorialismo, da chamada "troca de experiências", desarmados para enfrentar os ataques do capital. Por outro lado, a burocracia sindical estava lá para apoiar o Pacto Social, enquanto Lula,

por medida provisória, destina 160 bilhões de reais dos recursos públicos para socorrer os banqueiros. Para as montadoras de veículos já havia destinado mais de 4 bilhões de reais. Para o FSM foram destinados 143 milhões de investimento público e destes 52 milhões para o policiamento e um novo tipo de arma para conter conflitos sociais. A população de Belém, ao mesmo tempo que sofria a repressão via-se excluída das atividades do Fórum.

A APROPUC esteve presente no FSM, como em anos anteriores em que ocorreu no Brasil. Levamos a Belém três textos para divulgar amplamente, no estande que organizamos, nas tendas, nos auditórios, pelos caminhos das universidades federais do Pará. As teses que divulgamos ali, sobre a Educação, sobre a Crise do Capital e sobre a Palestina, estão sendo publicadas semanalmente neste **PUCViva** e dizem respeito às questões postas na realidade na defesa dos interesses imediatos e históricos dos trabalhadores e oprimidos.

Conversamos e mantivemos contato com muita gente, muitos professores e professoras das escolas de ensino fundamental das regiões ribeirinhas, com os participantes do Comitê da Irmã Dorothy, assassinada em 2006, com lutadores e militantes da Conlutas, com representantes dos movimentos de trabalhadores rurais e urbanos de base, com a juventude no acampamento. Com tod@s com quem conversamos percebemos a vontade de continuar na luta.

Surpreendente a diversidade dos participantes do FSM: milhares de jovens e trabalhadores rurais, urbanos, indígenas, empobrecidos, precarizados, desempregados.

O que o FSM tem a dizer sobre a crise do capital? Das guerras imperialistas, da Palestina, do Afeganistão? O que apresenta como perspectiva para a luta dos trabalhadores? Não temos ilusões, nem nunca tivemos, de que é via FSM que se darão as transformações sociais necessárias. Mas o limite da "troca de experiências" e seu caráter governista é regressivo para os desafios da realidade. Cabe aos trabalhadores do campo e da cidade, de forma autônoma e independente, tomar para si a luta contra a crise. Contra o desemprego, em defesa dos salários e do trabalho, da saúde, da educação, da moradia, da vida. Mais uma vez a crise recai sobre os trabalhadores. Que os capitalistas e banqueiros paguem por sua crise. O ano de 2009 coloca-nos na luta antiimperialista, anticapitalista. A universidade deve estar ao lado dos explorados e oprimidos. Criemos na PUC-SP um Comitê dos três setores para lutar contra os efeitos da crise e contra o desemprego, unificando-o com os trabalhadores que estão na luta autônoma, independente na perspectiva unitária classista na direção de uma sociedade sem exploração de classe e sem opressão de gênero, raça, etnia ou orientação sexual.

Diretoria da APROPUC

PUCViva Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Cardoso de Almeida 990 - Sala CA 02 - Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 - **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br
- **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Victor Sousa e Otávio Nagoya

Fotografia: Gabriela Moncau e Paula de Paula

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração:
Valdir Mengardo e
Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides,
Ivan Martin e Victoria Claire Weischtordt

Debates e atividades lúdicas marcam recepção aos calouros

Cansados de assistir a humilhações e violências que geralmente ocorrem na semana de recepção aos calouros, a APROPUC e os Centros Acadêmicos programaram uma série de atividades durante as duas primeiras semanas de aula. A intenção foi receber os calouros com debates e atividades que mostrassem o histórico da universidade e alguns caminhos possíveis para superar a crise que a PUC enfrenta.

A primeira atividade aconteceu na terça-feira, 10/02, e teve boa participação dos novos estudantes da PUC-SP no auditório 333. O tema do debate foi "A Crise da PUC-SP e das Universidades Particulares" e contou com a participação da professora Beatriz Abramides, da APROPUC, e dos estudantes Flávio (Relações In-

ternacionais) e Dayana (História).

Bia Abramides, presidente da APROPUC, iniciou a atividade fazendo um histórico sobre a PUC-SP, desde sua criação, até a resistência contra a ditadura, passando pelo crescimento do neoliberalismo na década de 90, que culminou com a mercantilização da educação e o aumento das mensalidades. A professora ainda fez sua análise sobre a gestão da ex-reitora, Maura Vêras e as perspectivas para o novo período. O estudante Flávio abordou o processo de reestruturação da universidade e a luta travada pelos estudantes contra o Redesenho Institucional. Também lembrou os prejuízos que a unificação das secretarias administrativas vem causando à universidade.

Já a estudante Dayana



GABRIELA MONCAU

Na primeira atividade da Calourada Unificada, professores e estudantes debatem sobre a PUC-SP com calouros

falou sobre a importância do movimento estudantil na manutenção de uma educação de qualidade para todos. Ela também lembrou da movimentação ocorrida durante os últimos anos nas universidades privadas e alertou que somente com

a unidade na luta as reivindicações dos estudantes (bolsas de estudo e redução das mensalidades) serão atendidas. Após as exposições, o microfone foi aberto à plateia, que fez intervenções e perguntas para os debatedores.

Veteranos continuaram com o trote violento em 2009

Apesar da tentativa da APROPUC e CAs, diversos incidentes aconteceram durante o primeiro dia de recepção aos calouros, destacando-se principalmente o abuso de bebida alcoólica. Durante o período da manhã diversos pais de calouros foram chamados ao ambulatório da PUC-SP para resgatar seus filhos. No total foram 17 casos registrados no ambulatório e quatro alunos foram enviados ao pronto socorro. Também aconteceram casos de agressão física nos arredores da universidade.

O pró-reitor comunitário, Hélio Deliberador, afir-

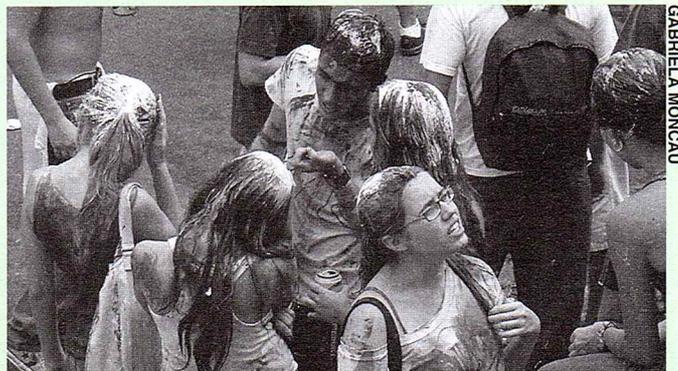
mou que a PUC-SP não incentiva o uso de álcool, mas que essa é uma realidade e que é preciso saber lidar com a situação. Muitas vezes, o calouro é obrigado a ingerir a bebida, sob as ameaças de veteranos. Os estudantes dos Centros Acadêmicos repudiam essas práticas e, na medida do possível, acompanharam o trote para evitar esses abusos.

Os CAs também procuraram promover atividades diferenciadas. O CA Beneditos Paixão realizou uma aula trote para seus calouros, além de um tour por toda universidade. O CACS também promoveu debates para explicar aos calouros

a função de um CA e tem programado para o dia 17/02, terça-feira, às 10h, o CineCACS, com exibição do filme "O Mágico de Oz" com a trilha sonora de "Dark Side of the Moon", da banda Pink Floyd.

A Reitoria também pro-

moveu uma série de atividades, como a aula magna do reitor Dirceu de Mello e do professor Mario Sergio Cortella, e procurou evitar os efeitos dos abusos alcoólicos através da distribuição de doces, água e pipoca.



GABRIELA MONCAU

O trote tradicional continuou acontecendo neste ano

Atividade da calourada debate preconceito, machismo e homofobia

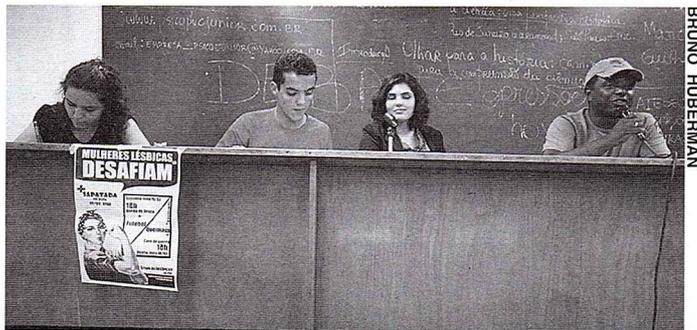
Na quinta-feira, 12/2, aconteceu mais um evento da calourada unificada. Dessa vez, os professores e estudantes levaram aos calouros o debate "As lutas contra as opressões: machismo, racismo e homofobia".

A mesa contou com a participação de Mariana Cristal, representando o Grupo de Mulheres Lésbicas, a estudante de Serviço Social, Bia, pelo grupo Pão e Rosas e o professor Gegê, do GT de Negros e Negras da Conlutas.

A primeira a falar foi Cristal, que contou a experiência da criação do Grupo de Mulheres Lésbicas e a repressão sofrida na PUC-SP: os cartazes do grupo têm sido arrancado das paredes. Logo em seguida, a estudante Bia abordou o tema do machismo,

que, segundo ela, é anterior ao capitalismo, porém essa prática ganhou muita força no atual sistema, pois impossibilita a emancipação das mulheres. Gegê falou sobre o racismo e afirmou que apesar de existirem aqueles que acreditam não existir mais racismo no Brasil, essa prática está enraizada na sociedade.

Durante a intervenção do público, ao final do evento, foi ressaltada a luta dos deficientes físicos, a criminalização da pobreza e a professora Bia Abramides, presidente da APRO-PUC, lembrou da importância desses temas serem discutidos com um recorte de classe. Para ela, discutir opressões sem falar de desigualdade social encobre as origens do problema.



Na mesa do debate estudantes e professores debatem o preconceito

BRUNO HUBERMAN

Exigimos o direito ao pão, mas também às rosas

Abaixo publicamos um manifesto do Grupo Pão e Rosas que participou ativamente da Calourada Unificada

O grupo de mulheres Pão e Rosas (impulsionado pela LER-QUI, A Plenões Pulmões e independentes), vem se reunindo no Centro Acadêmico de Serviço Social da PUC-SP para discutir o problema da opressão da mulher a partir da ótica da sociedade de classes. Desde o ano passado viemos impulsionando debates e discussões na universidade, uma das mais elitistas e racistas do país, que precariza os trabalhadores da limpeza e serviços, na maioria mulheres e negros(as), expulsa os estudantes inadimplentes da universidade e vincula a produção de conhecimento à fé cristã. Consideramos fundamental abrir um espaço que não existe na academia, para discutir o problema da opressão e exploração da mulher na sociedade capitalista. A partir daí, consideramos que es-

sas idéias devem ser divulgadas o mais amplamente possível, para mostrar para os estudantes que, enquanto a "aparente normalidade" paira em nossas vidas, as mulheres são 70% da população pobre do mundo, compõe a maior parte da força de trabalho precarizada e terceirizada, milhares morrem todos os anos por conta de abortos clandestinos, sofrem com a dupla jornada e com a violência, e são a maioria entre os trabalhadores demitidos com a crise mundial, sendo assim profundamente oprimidas por esse sistema. Todas essas discussões, para nós, também devem se converter em ação concreta, ou seja, em uma ação política que possa ser transformadora. Por isso, convidamos todos a participar e construir o grupo Pão e Rosas.

16/02 às 19h no CASS - Conheça o e participe do grupo de mulheres Pão e Rosas! Preparação para o 8 de março. Nosso site: <http://nucleopaoerosas.blogspot.com>

Ato na Paulista defende direitos dos trabalhadores

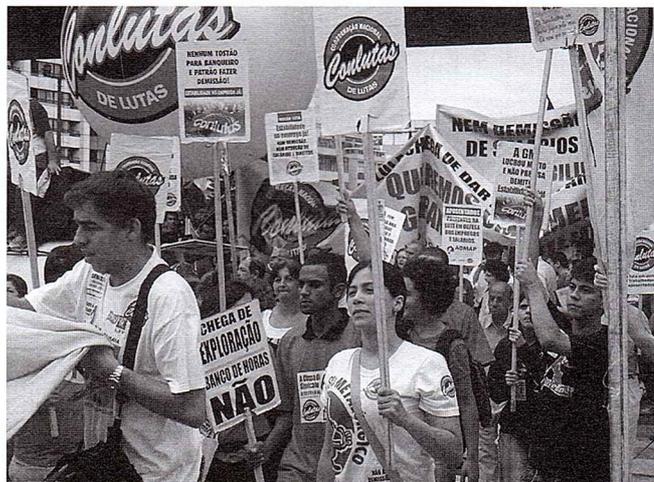
No dia 12/2, quinta-feira, aconteceu um ato contra as demissões e reduções salariais decorrentes da crise econômica. A crise se iniciou nos EUA, mas já afeta os trabalhadores brasileiros, milhares já foram demitidos e as previsões para o futuro são assustadoras.

"Que percam os empresários e não os trabalhadores", a frase do dirigente da Conlutas, Dirceu Travesso, traduz as reivindicações do ato chamado pelas centrais sindicais Conlutas e Intersindical. Na tarde da última quin-

ta-feira, na Av Paulista militantes de São Paulo, trabalhadores metalúrgicos e sindicalistas de São José dos Campos, Campinas, Limeira e Santos reuniram-se para protestar contra as ações que começam a ser praticadas contra os trabalhadores.

Segundo Travesso, a importância do ato é que ele mostra uma forma de resistência contra às demissões e reduções da jornada de trabalho e salarial que são consequências da profunda crise que o mundo vive.

A concentração do ato se deu no vão livre



Trabalhadores protestam contra a retirada de seus direitos do MASP e os participantes se encaminharam até a Fiesp (Federação das Indústrias do Esta-

do de São Paulo) para mostrar que são contra as medidas do presidente da FIESP, Paulo Skaf.

PAULA DE PAULA

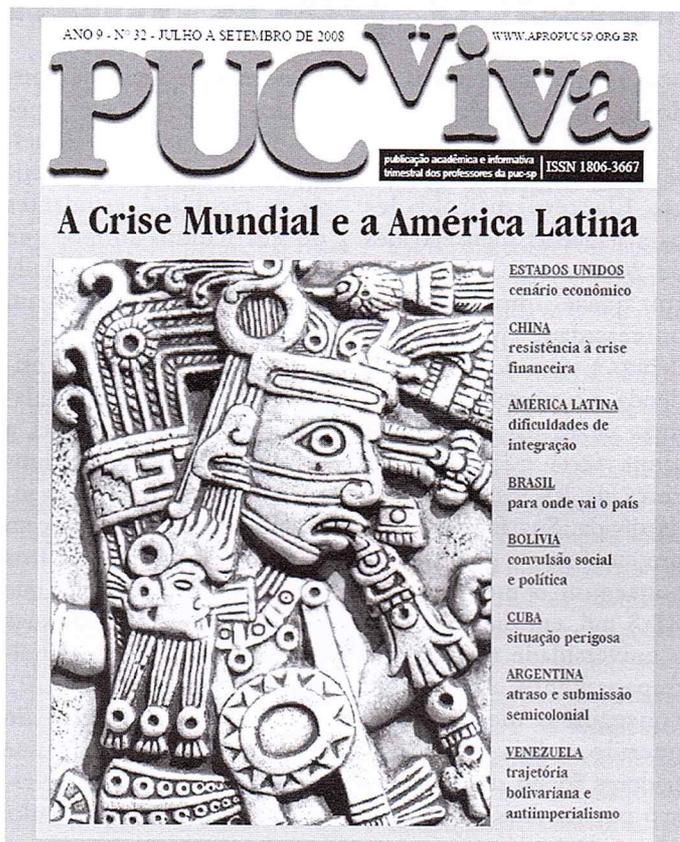
Revista PUCViva lança novo olhar à crise capitalista

No dia 18/2, às 19h, no Tucarena será realizado o lançamento da 32ª edição da **Revista PUCViva**, com o tema *A Crise Mundial e a América Latina*. A atividade faz parte da calourada unificada e contará com a participação dos professores Jason Borba (FEA) e Erson Martins de Oliveira (APROPUC), além de Raul Godoy (trabalhador da fábrica sob controle operário FASINPAT (Zanon/Argentina), Carlos Prestes "Mancha", diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos (Conlutas) e Felipe Guarnieri, aluno de Ciências Sociais.

A **Revista PUCViva** conta com 13 artigos de acadêmicos sobre a crise econômica e suas consequências no globo. Os professores, além de refletirem sobre a crise capitalista na América Latina - mais especificamente no Brasil, Cuba, Bolívia e Argentina, ainda abordam diferentes desdobramentos da crise nos EUA e China. A revista conta com artigos de estudiosos da PUC-SP, professores do Mackenzie, Universidade de Birghamton (Nova York), UNESP, Fundação Santo André e jornalistas do PCO e jornal Massas.

O leitor terá acesso a diferentes visões da crise capitalista, não encontradas na grande imprensa. O professor Jason Borba escancara a contradição da crise, como uma espécie de ciclo que se inicia com a abertura de crédito e termina com o aumento de juros, repetindo-se no decorrer da história. O professor de economia apresenta gráficos e dados que justificam sua tese.

Rosa Maria Marquês apre-



senta a crise como essência da nova ordem "Essa nova relação se expressa no domínio do capital financeiro (portador de juros) sobre o capital produtivo, o que se evidencia não só pelo aumento de sua exigência na participação da mais-valia, como nas inúmeras formas de fazer sua lógica de rentabilidade de curto prazo nas empresas, incorporando como seus

aliados, os altos executivos".

Já o professor da casa Erson Martins de Oliveira desmistifica o otimismo do governo brasileiro em relação à crise. Em seu artigo ele comenta a contradição do neoliberalismo ao usar os recursos estatais para salvar as instituições financeiras - uma verdadeira contradição ideológica - com os prejuízos recaindo sobre a classe trabalhadora.

Pergunta aberta da APROPUC ao reitor

A partir desta edição estamos iniciando uma nova sessão no PUCViva enviando semanalmente ao professor Dirceu de Mello uma pergunta, formulada pela APROPUC, sobre os principais problemas da universidade. Nesta semana o reitor responde sobre a sindicância aos estudantes e no próximo número estará em pauta a questão da inadimplência.

Qual será o posicionamento da Reitoria frente ao pedido de revisão das penas dos alunos sindicados?

É preciso dizer inicialmente que, quando se fala em Reitoria, a expressão envolve não apenas o Reitor como o Vice-Reitor e os Pró-Reitores todos. Agora, no tocante ao julgamento do recurso manifestado pelos alunos sindicados contra a sua condenação, eu, como Reitor, estarei no dia do julgamento manifestando a minha opinião.

No tocante aos Pró-Reitores, é claro, cada um deles decidirá na conformidade daquilo que lhe parecer razoável e justo. Nesta altura, como Reitor, não posso adiantar nada acerca daquele que seria o meu pronunciamento porque, se assim o fizesse, estaria sendo precipitado e temerário. Na verdade, aguardarei não apenas o voto da relatora designada, como a eventual sustentação oral por parte do advogado constituído pelos alunos para uma conclusão a respeito do assunto.

Prof. Dr. Dirceu de Mello
Reitor da PUC-SP

VISITE O NOVO SITE DA APROPUC



www.apropucsp.org.br

LEIA O PUCVIVA MAIS CEDO:
TODO SÁBADO, A PARTIR DAS 18H, NO SITE DA APROPUC

Inadimplentes têm dificuldades para matrícula

Durante o período de efetivação de matrícula, uma série de estudantes inadimplentes procuraram a redação do **PUCViva**. A principal reclamação apresentada é a dificuldade de negociar a dívida de 2008 e conseguir pagar a matrícula de 2009 ao mesmo tempo. Isso faz com que muitos estudantes não consigam efetivar a matrícula, atrasando sua vida acadêmica e muitas vezes perdendo os respectivos estágios.

Segundo Magna Rocha Brandt, da SAE, cerca de 1.500 alunos fizeram a pré-matrícula em novembro e não a efetivaram em janeiro (a matrícula só é efetivada com o pagamento da mensalidade de janeiro). Porém, para ela nem todos os casos são de inadimplentes, já que o sistema ainda está em fase de transição e estruturação. Magna também informou que em novembro todos os alunos inadimplentes receberam uma proposta e negociação em três vezes. "Fizemos uma escala de acordo com o ano de matrícula e enviamos funcionários para Barueri e Santana para melhorar o atendimento e diminuir as filas", comenta. Os alunos que não consigam negociar em três vezes devem procurar a ouvidoria da universidade.

A coordenadora da SAE também garantiu que nenhum estudante inadimplente terá seu nome enviado ao CINEB - uma espécie de SERASA da educação, criado em outubro e em seguida proibido por lei. E os estudantes já formados que tenham débitos com a universidade tam-

bém não terão diplomas ou documentos retidos.

O caso de uma estudante de Direito é emblemático. Ela teve dificuldades para pagar as mensalidades de 2008 e sua negociação foi quase impossível. A universidade propôs um débito à vista de metade da dívida e o parcelamento em duas vezes do restante. A aluna teria que depositar cerca de R\$ 9 mil, metade da dívida. Sua família, após um esforço gigantesco, conseguiu o montante de R\$ 8 mil, em dinheiro, mas a universidade não aceitou o pagamento. Depois de conseguir o montante requerido, dois possíveis fiadores foram negados, sua avó por ter mais de 60 anos e seu irmão, já que seu salário não equivalia ao valor da dívida.

SERVIÇO SOCIAL

A faculdade de Serviço Social teve uma série de problemas com inadimplência, a coordenação do curso entendia que a questão era tão séria que a incluiu na construção da nova proposta curricular. Após uma série de discussões internas, foi encaminhada uma proposta de desconto nos órgãos da universidade. "A falta de bolsas gerava inadimplência, que gerava falta de procura ao curso", comenta Maria do Socorro Reis Cabral, diretora da faculdade. "Por isso, junto com o novo projeto pedagógico, propomos 20% de bolsas todos os semestres, além de redução nas mensalidades", continua. A professora ainda afirma que a nova pro-

posta não reduziu os conteúdos do curso, eles apenas foram realocados. E mesmo com a iniciativa coletiva da faculdade, estudantes do curriculum antigo, que ainda pagam a mensalidade sem desconto, continuam inadimplentes.

Em um período de crise, com enxugamento salarial e cortes nas empresas, a tendência é que a inadimplência aumente. Bolsas integrais e descontos parecem ser a solução, muitos inadimplentes afirmam que conseguiriam cumprir suas obrigações se tivessem bolsas parciais.

A rematrícula imediata dos inadimplentes foi uma das resoluções do Congresso Aberto do ano passado.

FUNCIONÁRIOS TÊM PROBLEMAS COM BOLSAS

Também os funcionários relataram dificuldades para manutenção de suas bolsas. A diretoria da AFA-PUC reuniu-se com o reitor Dirceu de Mello, em mais um de seus encontros mensais, e relatou casos de dificuldades para a obtenção da matrícula de funcionários em vários cursos da universidade. A AFAPUC também solicitou que um representante da reitoria esteja presente nas futuras reuniões que a entidade terá com a Fundação São Paulo para discutir o novo acordo interno da categoria.

PROFESSOR(A)

FILIE-SE À APROPUC

COMPROMISSO COM A CATEGORIA

**VENHA À SEDE DA APROPUC:
RUA BARTIRA, 407
OU PELO ENDEREÇO ELETRÔNICO
WWW.APROPUCSP.ORG.BR**

MOVIMENTOS SOCIAIS

Ao Fórum Social Mundial

O texto abaixo foi distribuído no Fórum Social Mundial 2009 como uma contribuição da Associação dos Professores da PUC-SP

Este encontro ocorre em uma situação muito distinta da dos anteriores. A crise que eclodiu em setembro do ano passado nos Estados Unidos logo revelou que se tratava de uma crise geral do capitalismo. A *débâcle* do sistema financeiro norte-americano e internacional expressou a crise de superprodução e o gigantesco parasitismo, que paira e penetra a economia real. No fundo da desintegração, está a fundamental contradição entre as forças produtivas e as relações de produção capitalistas. O Fórum Social Mundial está obrigado a se concentrar e se debruçar sobre a crise e suas consequências. Não há questão, por mais secundária que seja, que não estará condicionada pela crise mundial. É preciso, portanto, não secundarizar a crise com dispersões e convites. O Fórum Social Mundial terá seu êxito ou fracasso condicionado às respostas que dará à crise.

1. A crise é mundial. Os Estados Unidos foram e são apenas o epicentro do terremoto econômico-financeiro. Expandiu-se imediatamente para o mundo todo. A razão desse processo está em que toda economia mundial havia chegado ao ápice da superprodução de mercadorias e da especulação financeira.

2. O avanço da interdependência dos países nas últimas décadas potenciou a crise estrutural do capitalismo. A crise atual é a mais ampla e profunda desde a 2ª Guerra Mundial. Tudo indica que poderá ser a mais grave de todas da fase do capitalismo monopolista.

3. A tese de que os países "emergentes" estariam descolados da crise das potências mostrou ser uma impostura. Na ca-

deia de interdependência, as economias capitalistas atrasadas constituem os elos mais débeis. Tiveram a marcha do crescimento interrompida e mergulharão na recessão mundial.

4. O capitalismo monopolista corresponde à fase última de desenvolvimento, expressa tendências à estagnação e à desintegração. As economias e seus vários ramos não têm como desenvolver de conjunto. O impulso em certos países e ramos logo se chocam com as tendências gerais à estagnação e se convertem em crise de superprodução.

5. A seqüência de crise que vem se manifestando desde a segunda metade do século XIX, particularmente desde o início do século XX, indica o esgotamento histórico do capitalismo. As crises, mais ou menos potentes, mais ou menos generalizadas, terminam por destruir maciçamente forças produtivas. Ampliam a fome e miséria de milhões, que são crônicas. Trata-se do esgotamento histórico porque o capitalismo está pronto para ser transformado em socialista.

6. A superação conjuntural da crise pela via dos monopólios, do capital financeiro e do domínio imperialista só é possível pela barbárie. Riquezas são destruídas; milhões de postos de trabalho, fechados; salários, reduzidos; direitos trabalhistas, eliminados; orçamentos sociais, reduzidos etc.

7. O capitalismo monopolista desenvolve as tendências bélicas. Não por acaso as duas grandes guerras mundiais foram precedidas de crises econômicas. E não por acaso a possibilidade de grandes guerras não foi extinta. O avanço do armamentismo mundial, encabeçado pelos Estados Unidos, e a ampliação do quadro bélico é sintoma da estagnação e da desintegração do capitalismo. As

guerras servem às crises e constituem saídas bárbaras.

8. O intervencionismo estatal das potências e das suas semicolônias para enfrentar a crise é reacionário. Vêm no sentido de proteger o capital. Os banqueiros e industriais recebem ajuda para conservar suas propriedades e dar continuidade à exploração da maioria. A diretriz consiste em não estatizar pela expropriação sem indenização, mas sim em sanear com dinheiro público para evitar a quebra dos capitalistas. Trata-se do estatismo parasitário.

9. Os capitalistas usam a crise para impor retrocessos trabalhistas. Descarregam todas as consequências sobre os assalariados e camponeses pobres. Demitem em massa e pressionam os sindicatos a aceitar "acordos" de flexibilização, de redução da jornada com redução salarial, suspensão temporária do trabalho reduzindo salários etc. Usam a burocracia para impor tais soluções à classe operária e aos demais trabalhadores.

10. É necessário expor as raízes da crise mundial do capitalismo e combater a barbárie com um programa distinto do programa da burguesia e com luta. É falso que as únicas possibilidades são as apresentadas pelos governos e pela classe patronal. Quaisquer que sejam as soluções da burguesia se dirigirão a garantir a taxa de exploração dos trabalhadores e a espoliação dos países semicolônias.

11. O programa favorável aos assalariados e camponeses parte da defesa de suas condições de existência e se dirige a pôr fim à propriedade monopolista dos meios de produção, transformando-a em propriedade social, coletiva. O ataque ao emprego, aos salários, bem como a expulsão dos camponeses das terras, devem ser respondidos com as reivindicações que unam a classe operá-

ria, os camponeses, a classe média urbana oprimida e a juventude num só movimento de resistência e de luta pelas transformações estruturais do capitalismo.

12. A tese de que a crise se circunscreve à crise do neoliberalismo é incorreta. Falsifica o fato de se tratar da crise estrutural do capitalismo. O neoliberalismo constituiu um conjunto de medidas e orientações voltadas a impulsionar os monopólios e a favorecer as potências. A falência da premissa de auto-regulação do mercado e da não interferência do Estado adveio com a crise de superprodução e bancarrota do capital financeiro parasitário. Nenhuma forma de estatismo burguês e de intervenção reguladora solucionará a crise e evitará a barbárie.

13. Não há como constituir uma nova ordem mundial sob o capitalismo. No momento que o sistema de exploração entra em colapso e expõe sua crise histórica, surgem seus salvadores com teses aparentemente de esquerda. Rejeitam o programa de transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social. Querem reformar a classe capitalista e a economia. Não há como regular o capital financeiro, disciplinar os monopólios, harmonizar as potências, pôr limites à espoliação das nações atrasadas, superar a anarquia do mercado etc. Ao contrário, estas relações tendem a potencializar as contradições.

Conclusões: Acreditamos que o Fórum Social Mundial cumprirá um papel em favor dos trabalhadores e dos povos oprimidos se responder à crise com um programa de luta antiimperialista e anticapitalista. Se rejeitar as teses de reforma e de nova ordem capitalistas. Se defender as reivindicações dos explorados e se colocar pelo socialismo.

ROLA NA RAMPA

Cursos de Línguas enfrentam problemas

Os cursos das áreas de Línguas Estrangeiras estão enfrentando sérias dificuldades para fecharem os contratos de seus professores. É que boa parte das aulas ministradas por seus docentes provinha dos chamados Cursos de Língua Estrangeira para Graduandos. Estes cursos pela antiga sistemática de créditos da PUC-SP, abriam a possibilidade para que os alunos dos mais diversos cursos pudessem usar seus créditos excedentes como pagamento

da atividade. Com a mudança do sistema de créditos tal operação não pode ser feita e o estudante arca com o pagamento integral de todos os créditos. Outra dificuldade é que os alunos bolsistas só poderão se inscrever no curso caso exista um número determinado de pagantes. Por esses motivos poucas turmas de Línguas para Graduandos estão se viabilizando e, por consequência, os contratos de trabalho dos docentes da área correm sérios riscos.

Cogea abre curso de Inglês Oral

Estão abertas as inscrições para o curso "Inglês Oral", do Cogea. O foco das aulas é a fala e a compreensão oral da língua inglesa. O curso é dirigido para interessados em geral que já completaram o ensino médio. A Coordenação é do Prof. Dr. João Batista Teixeira da Silva e as aulas começam no dia 7 de março. Informações para testes www.pucsp.br/cogea ou infocogea@pucsp.br.

Nu-Sol apresenta aula-teatro

Nos dias 16 e 17 de fevereiro, às 19h30, no Tuca-rena, o Nu-Sol realizará, em recepção aos novos alunos, duas apresentações extras de aula-teatro 4 *Estamos Todos Presos*. O texto de Edson Passetti e Acácio Augusto aborda a questão do abolicionismo penal. A retirada dos ingressos gratuitos se realiza no dia da apresentação a partir das 18h. Mais informações www.nu-sol.org.

Mudanças na diretoria da APROPUC

Com o pedido de desligamento da diretoria da APROPUC feito pelo professor Hamilton Octávio de Souza, o diretor Willis Santiago Guerra Filho passa a ocupar o cargo de 1º Secretário e a professora Priscilla Cornalbas assume a 2ª Secretaria. A diretoria da entidade reuniu-se neste início de semestre e definiu como suas prioridades a formação de um Comitê unificado contra a crise, o

encaminhamento de pautas e reivindicações docentes como contrato de trabalho, campanha salarial, pagamento das dívidas, entre outras. A entidade promoverá uma campanha de filiação, além de ativar o Conselho de Representantes (já estão agendadas reuniões em Sorocaba e Marquês de Paranaguá). Serão agendados novos eventos culturais e acadêmicos durante o ano letivo.

Seminário internacional discute Economia Criativa

A PUC-SP promove dia 17/2, às 19h40, no Tuca (rua Monte Alegre, 984 - Perdizes), o seminário internacional *Economia Criativa*. A idéia é debater o conceito e as relações desse segmento e sua interface com as políticas públicas municipais, estaduais e federais e com o setor educacional.

O objetivo é compreender como o entretenimento e a economia se unem para formar parcerias com os setores público, privado, socioambiental, tecnológico e científico. Durante o seminário, a chefe do Programa Mundial da Economia Criativa e da Con-

ferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (ONU/Unctad), Edna Duisenberg, abordará as principais atividades desenvolvidas pela entidade, com maior ênfase na África. A abertura do evento será realizada pelo reitor da PUC-SP, Dirceu de Mello. Também estarão presentes Antonio Vico Mañas, vice-reitor da PUC-SP, Pablo Martins (Secretaria de Políticas Culturais do Ministério da Cultura), Luiz Sales (São Paulo Turismo) e Alberto Alves da Silva Filho (Escola de Samba Nenê de Vila Matilde).

Prazos processuais voltam ao normal

Todos os prazos processuais suspensos na secretaria do Superior Tribunal de Justiça foram retomados a partir do dia 2/2. Os prazos estavam suspensos desde o dia 20 de dezembro, medida prevista no artigo 66, parágrafo 1º, da Lei Complementar 35/79 e nos artigos 81 e 106 do Regimento Interno do STJ. A suspensão determinada consta da Portaria 478, de 28 de novembro, assinada pelo diretor-geral do STJ, Athayde Fontoura

Filho. O semestre tem início com a sessão da Corte Especial, às 14h. Também a partir desta data, terão efeito as decisões disponibilizadas no Diário da Justiça Eletrônico (DJ-e) em 19 de dezembro de 2008, por ser o primeiro dia útil subsequente ao término do recesso forense, conforme o parágrafo 3º do artigo 4º da Lei 11.419/2006 e no artigo 4º da Resolução 08/2007, que instituiu o Diário da Justiça eletrônico do STJ.

Aberto período de cadastramento para estágio

A Coordenação Geral de Estágios (CGE) informa a todos os estudantes que já estão abertas as inscrições para aqueles que desejam se inscrever no CIEE. No campus Monte Alegre, as inscrições podem ser realizadas entre os dias 16 e

17/2, das 9h às 12h30 e das 18h às 21h30. No dia seguinte, 18/2, as inscrições serão feitas no campus da Marquês do Paranaguá, no mesmo horário. Em Santana, o CIEE estará atendendo no dia 19/02, das 18h às 21h30.

Próxima edição do PUCViva

O PUCViva não circulará na semana de carnaval, o próximo número será publicado no dia 2/3. Porém, as principais notícias da semana, como assembléia dos professores, Consun e atividades da calourada, poderão ser acessadas no site da APROPUC (www.apropucsp.org.br).